

Comunicação: a ciência do século XXI

Communication: the science of the XXI century

■ MARIALVA CARLOS BARBOSA*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro-RJ, Brasil

SODRÉ, Muniz.

A ciência do comum: notas para o método comunicacional

Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, 323 p.

RESUMO

Procura-se mostrar o movimento teórico e reflexivo realizado pelo autor no sentido de definir o lugar epistemológico da comunicação, argumentando que como um saber científico a comunicação se constitui como reflexão capaz de fornecer a chave compreensiva/explicativa para se pensar o século XXI.

Palavras-chave: Comum, comunicação, epistemologia, método

ABSTRACT

The text shows the theoretical and reflexive movement performed by the author to define the epistemological place of communication, arguing that as scientific knowledge is constituted as a complex reflection able to provide comprehensive key / explanatory to think about the twenty-first century.

Keywords: Common, communication, epistemology, method

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, é professora titular da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da mesma universidade. Presidente da INTERCOM (Gestão 2014-2017), é pesquisadora 1 do CNPq. Publicou, entre outros, *História da Comunicação no Brasil* (Vozes, 2013). E-mail: mcbl@terra.com.br

DESDE PELO MENOS as duas últimas décadas do século XX, os estudiosos da comunicação que procuravam definir qual era afinal o objeto de estudo da área enveredaram por discussões importantes, mas que esbarravam quase sempre na perspectiva de indefinição do que seria afinal a comunicação. Essas discussões de caráter epistemológico se intensificaram a partir dos anos 1990 e coincidiram com a primeira expansão dos cursos de pós-graduação da área no país. Nesse mesmo período, diversos pesquisadores procuraram esclarecer os fundamentos epistemológicos da comunicação, ora procurando justificar a sua qualificação como ciência, ora produzindo diagnósticos que inseriam a produção científica da área no lugar de uma “interdisciplina”¹.

1. Sobre esse debate cf. Lopes (2003), Martino, L.C. (2001, 2003, 2005 e 2006), França, V. (2001), Rüdiger (2007) e Braga (2011), entre outros.

Ainda que o foco do mais recente livro de Muniz Sodré, *A Ciência do Comum*, recaia na definição e na construção da reflexão em torno do estatuto científico da comunicação – como uma ciência de um tempo que muitos qualificam como pós-moderno – as discussões apresentadas pelo autor, de enorme densidade conceitual, historicizam o movimento em que viveu (e vive) as chamadas ciências humanas ou humanidades desde meados do século XX. Aliás o viés historiográfico da obra é notável e nos mostra que as incertezas que achávamos então exclusivas da comunicação e que resultaram, muitas vezes, na proliferação assistemática de pesquisas em torno de uma plêiade de objetos, não eram apenas de uma área do conhecimento que se autoproclamava jovem e, em consequência, repleta de imaturidade conceitual.

As ciências humanas viviam o mesmo dilema em torno da quebra das certezas conceituais que governavam as tradições teóricas das sociedades complexas até os anos 1960. E é exatamente no momento da viragem do paradigma epistemológico na teoria do conhecimento que a comunicação vai construindo com mais profundidade seus parâmetros teóricos reflexivos.

A emergência da atitude pós-moderna significou, por um lado, uma crítica virulenta em relação ao humanismo metafísico ocidental, o que levaria ao que muitos autores denominam a *morte do homem*, entendido como sujeito e objeto privilegiado nos processos de conhecimento e, por outro lado, construiu as incertezas das ciências sociais como ciência. Se o foco privilegiado de suas análises estaria morto e enterrado como atribuir valor universal global a sua produção de conhecimento?

No momento em que as certezas do passado entravam em crise (com o mundo assistindo ao fim do colonialismo europeu e ao início da centralidade dos meios de comunicação, parâmetro decisivo para produzir em escala mundial a unificação tecno-financeira planetária) emergia uma atitude pós-moderna como crítica generalizada do humanismo metafísico ocidental. A afirmação

da *morte do homem*, entendido como sujeito e, ao mesmo tempo, como objeto privilegiado nos processos do conhecimento, seria o centro do novo paradigma epistemológico.

Num mundo governado pela comunicação, em que como em que, como enfatiza Sodré (2011: 245), as “práticas socioculturais ditas comunicacionais ou midiáticas vêm se instituindo como um campo de ação social correspondente a uma nova forma de vida” (*bios midiático*); em que a direção tecnológica do mundo instaura o pensamento comunicacional como o de uma era; não seria a comunicação o lugar de síntese do conhecimento científico das ciências humanas, aonde sob a égide do comunicacional seriam condensados saberes dispersos? Não seria a comunicação, nesse sentido, a ciência do século XXI?

O livro de Muniz Sodré veio responder a essa questão, colocando um ponto final nas incertezas ao definir com propriedade e densidade conceitual de que se ocupam afinal os estudos de comunicação. E o mais importante, qual é a dimensão científica da comunicação.

Dividido em três partes, na primeira percorre as descendências históricas dos estudos de comunicação, confrontando-as com os paradigmas clássicos da escola sociológica que tanto influenciou as pesquisas da área, concluindo pelo diagnóstico pertinente da insuficiência do paradigma informacional. Aborda ainda, as vertentes europeias, sobretudo, aquelas decorrentes do estruturalismo e, por fim, produz o diagnóstico da dispersão cognitiva dos estudos comunicacionais realizados no Brasil.

Na segunda parte, o livro se ocupa de traçar as bases fundamentais para a definição da comunicação “como uma ciência redescritiva no interior” (p. 113) do que o autor conceitua como *bios virtual*. Na concepção de Sodré, a comunicação seria a ciência do século XXI, capaz inclusive de reagrupar reflexões diante da “crise da ética da modernidade” (p. 113). Mapeando as correntes teóricas do “pós-humanismo”, conclui que “o horizonte hermenêutico da humanidade por vir não está mais apenas na universalidade da espécie estudada pela antropologia, nem na relação social defendida pela sociologia” e sim num “sistema de inteligibilidade capaz de fazer aflorar o que está humanamente implícito no mundo da vida de um planeta regido por conexões instantâneas e globais, assim como por estratégias culturais predominantemente sensíveis: *solidariedade e cooperação* – não apenas entre homens, mas igualmente entre homens e coisas” (p. 186).

Diante desse quadro, Sodré afirma que é na direção da diversidade, do encontro e da historicidade (possibilidade de ação humana sobre a sociedade) que se constitui uma ciência da comunicação humana. Do vínculo do comum até as relações organizadas pelas tecnologias do mundo contemporâneo (p. 187).

Na terceira e última parte do livro denominada *A organização do comum* as discussões profundas de natureza filosófica emergem com intensidade. Sodré aprofunda a definição da comunicação como uma ciência que se ocupa do comum humano, o que abre o leque de suas abordagens desde o laço intersubjetivo inerente à coesão comunitária até as relações sociais regidas pela mídia. Por fim, indica que o método comunicacional aponta para o problema do comum e, em seguida, para as “especificidades do modo próprio de inteligibilidade do processo de produção de sentido e de discursos sociais” (p. 293). Assim, a tática metodológica que o autor propõe se desdobra operativamente nos três níveis, já enfocados na sua *Antropológica do espelho* (2011): relacional, vincutivo e crítico-cognitivo ou metacrítico (p. 293).

A Ciência do Comum pode ser considerada o terceiro volume de uma trilogia, que começa com *Antropológica do Espelho* (2002) e continua com *As Estratégias Sensíveis* (2006), no qual Sodré procura definir metodologicamente a comunicação, considerando metodologia como uma dimensão que descortina questões epistemológicas complexas e não meramente como um ferramental a ser utilizado como facilitador da pesquisa empírica.

Deixando claro que não se ocupa apenas do estudo da mídia e dos seus processos midiáticos, procura definir epistemologicamente o campo a partir da constatação da centralidade da comunicação, como processo de partilha de um comum vivido, chave para a compreensão e explicação do século XXI. A dimensão contemporânea da ação humana é uma dimensão comunicacional.

Por tudo isso, o livro de Sodré se inscreve no presente em direção ao futuro. Obra definitiva para a área, perdurará no tempo. Terminei esta breve apreciação do livro *A Ciência do Comum* com uma imagem.

Em um dia qualquer do ano de 2014 no pátio em frente ao Palácio Universitário na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Muniz Sodré falou-me brevemente do livro que estava escrevendo. Nas suas palavras era o melhor livro teórico que já tinha produzido. Seu diagnóstico estava correto. *A Ciência do Comum* é um livro definitivo. ■

REFERÊNCIAS

- BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, vol. 25, n. 58, p. 62-77, jan.-abril 2011.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V.; PAIVA, R. & WEBER, M. H. (org.). *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora UnB, 2001. p. 13-30.
- LOPES, M. I. V. de (org.) *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

- MARTINO, L. C. Abordagens e representação do campo comunicacional. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, vol. 3, n. 8, p. 33-54, nov. 2006.
- . Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: CAPPARELLI, S. et al. *A comunicação revisitada*. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 41-66.
- . As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação. In LOPES, M. I. V. de (org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 69-101.
- . Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. & FRANÇA, V. (org.). *Teorias da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 27-38.
- RÜDIGER, F. A comunicação no saber pós-moderno: crítica, episteme e epistemologia. In: FERREIRA, Jairo (org.). *Cenários, teorias e epistemologias da comunicação*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007. p. 25-40.
- SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis*. Afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.
- . *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, (2002) 2011.

Artigo recebido em 28 de março e aprovado em 05 de maio de 2015